



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

WESLEY DE SOUZA LEMOS

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DA SÉRIE *OS SANTOS*
(LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA)**

MONTEIRO

2023

WESLEY DE SOUZA LEMOS

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DA SÉRIE *OS SANTOS*
(LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de professor em Letras - Português.

Orientador: Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia.

MONTEIRO

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L557h Lemos, Wesley de Souza.
História em Quadrinhos [manuscrito] : crítica Social a partir da série Os Santos (Leandro Assis e Trisclia Oliveira) / Wesley de Souza Lemos. - 2023.
39 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Crítica social. 2. História em quadrinhos. 3. Luta de classes - Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 372.4

WESLEY DE SOUZA LEMOS

**HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DA SÉRIE OS SANTOS
(LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à coordenação do Curso Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de professor em Letras – Português.

Aprovado em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



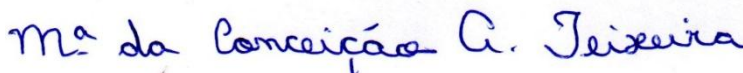
Profa. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Maria da Conceição Almeida Teixeira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho ao meu pai que sempre acreditou em mim, a minha mãe que nunca me deixou desistir, a minha esposa que sempre esteve ao meu lado nos momentos bons e ruins, e a meu filho que apareceu durante essa jornada e me fez cada dia mais forte.

Até quando?

♪ [...] Muda! Que quando a gente muda, o mundo muda com a gente!
A gente muda o mundo na mudança da mente!
E quando a mente muda, a gente anda pra frente!
E quando a gente manda ninguém manda na gente!
Na mudança de atitude não há mal que não se mude, nem doença sem cura!
Na mudança de postura, a gente fica mais seguro!
Na mudança do presente a gente molda o futuro!
Até quando você vai levando porrada?
Até quando você vai ficar sem fazer nada?
Até quando? [...] ♪

“Gabriel o Pensador”

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OS QUADRINHOS E ASOCIEDADE	7
2.1 AS DUAS ERAS: ERA DE OURO E PRATA.....	9
2.2 AS RELAÇÕES IMBRICADAS NAS HQ’S E SUAS IMPLICAÇÕES.....	10
3. A LUTA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSE COMO TEMA A SER DESENHADO	13
4. MULHERES EM FOCO: DA REALIDADE PARA OS QUADRINHOS	16
5. “OS SANTOS: UMA TIRA DE HUMOR ÓDIO	18
5.1 “ABSURDO”.....	19
5.1.1 SEÇÃO 1 -“ABSURDO”: QUADRINHOS 1 A 4.....	20
5.1.2 SEÇÃO 2 – “ABSURDO”: QUADRINHOS 5 A 9.....	21
5.2 “THOR”.....	23
5.2.2 SEÇÃO 1 – “THOR”: QUADRINHOS 1 A 3.....	24
5.2.3 SEÇÃO 2 – “THOR”: QUADRINHOS 4 A 9.....	26
5.3 “FACE”.....	27
5.4 “MANTEIGA”.....	30
5.4.1 SEÇÃO 1 – “MANTEIGA”: QUADRINHOS 1 A 7.....	31
6. CONTINUA NO PRÓXIMO CAPÍTULO	33
7. REFERÊNCIAS	35
8. TRANSCRIÇÕES DOS QUADRINHOS	38
8.1 “Absurdo”.....	38
8.2 “Thor”.....	38
8.3 “Face”.....	39
8.4 “Manteiga”.....	39

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CRÍTICA SOCIAL A PARTIR DA SÉRIE OS SANTOS (LEANDRO ASSIS E TRISCILA OLIVEIRA)

Wesley de Souza Lemos¹

Resumo: O presente artigo busca observar como as HQ's deixaram de ser apenas uma forma de entretenimento para se tornar uma importante ferramenta de crítica social acerca de assuntos e estereótipos do cotidiano brasileiro, é preciso observar como esse gênero vem sendo usado para abordar questões da sociedade que às vezes são tratadas como irrelevantes pelas pessoas. Nossa análise consiste em uma revisão bibliográfica e leitura de textos teóricos acerca do tema escolhido, tendo como principal base COAN (2020), PIVA & MARTINS (2020), buscando tratar de questões como luta de classes, feminismo, e direitos das mulheres. Realizamos também uma seleção de quatro capítulos da série de quadrinhos *Os Santos*, roteirizado e desenhado por Leandro Assis e Triscila Oliveira para ilustrar as temáticas citadas dentro das HQ's. Conclui-se ao final do escrito que a utilização dos quadrinhos para abordar todas as temáticas expostas é a clara personificação do ditado popular que diz: “*Você entendeu ou tenho que desenhar?*” A criticidade e o poder de conscientização que podem exercer sobre o leitor é algo indispensável e que tem que ser considerado enquanto possibilidade de ensino dentro dos conteúdos escolares, uma vez que se entende que a escola exerce o papel de principal formador da consciência e construção social do indivíduo, enquanto ser pensante de nossa sociedade.

Palavras-chave: Crítica social; História em quadrinhos; Luta de classes; Mulheres; *Os Santos*.

Resumen: Este artículo busca observar cómo los cómics dejaron de ser solo una forma de entretenimiento para convertirse en una importante herramienta de crítica social sobre temas y estereotipos de la vida cotidiana brasileña, es necesario observar cómo este género ha sido utilizado para abordar problemas de la sociedad que a veces son tratados como irrelevantes por la gente. Nuestro análisis consiste en una revisión bibliográfica y lectura de textos teóricos sobre el tema elegido, teniendo como base principal COAN (2020), PIVA & MARTINS (2020), buscando abordar temas como la lucha de clases, el feminismo y la lucha de los derechos de las mujeres. También hicimos una selección de cuatro capítulos de la serie de cómics “*Os Santos*”, guionizados y dibujados por Leandro Assis y Triscila Oliveira para ilustrar los temas mencionados dentro de los cómics. Se concluye al final del escrito que el uso de la historieta para abordar todos los temas expuestos es la clara materialización del dicho popular: “¿Entendiste o tengo que dibujar?”. La criticidad y el poder de conciencia que pueden ejercer sobre el lector es algo indispensable y que ha de ser considerado como una posibilidad de enseñanza dentro de los contenidos escolares, pues se entiende que la escuela juega el papel de principal formadora de conciencia y construcción del individuo, como ser pensante de nuestra sociedad.

Palabras clave: Crítica social; Cómic; Lucha de clases; Mujeres; *Los Santos*

¹ Graduando em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
E-mail: wesleyclassx2.0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, as histórias em quadrinhos (HQ's) deixaram de ser um passatempo nas horas vagas para trazer em seu corpus uma variedade de assuntos acerca de nossa sociedade, entre eles, críticas ao racismo, homofobia, o empoderamento feminino, as identidade de gênero e outros assuntos que vêm sendo discutidos em diversos meios de comunicação. Tornou-se uma das mais ricas e produtivas formas de expressar diversas temáticas e na qual “se faz presente a relação entre palavra, imagem e outros recursos que possibilitam diferentes leituras” (PASSOS, 2014).

Levando em consideração a modernidade dos dias atuais, as HQ's precisaram se adaptar para alcançar os mais diversos públicos e leitores e trazerem à tona essas discussões que não podem ser ignoradas. Desse modo, o presente artigo irá realizar uma análise sobre a série *Os Santos* tendo como principal objetivo analisar a representação da mulher enquanto personagem central da trama e que assume o papel de um indivíduo que está inserido na classe trabalhadora brasileira, enfrentando diariamente as desigualdades sociais.

Compete também aos limites do presente trabalho analisar como a dominação e a subalternização podem existir entre duas mulheres que dividem o mesmo espaço, mas que ocupam posições extremamente opostas no meio social e econômico, gerando uma série de preconceitos e problemáticas que são abordadas nos traços de Leandro Assis e Triscila Oliveira. Na primeira seção faremos um pequeno percurso histórico sobre o surgimento das histórias em quadrinhos até os dias atuais, destacando como estas assumem o importante papel de abordar assuntos problemáticos de nossa sociedade, logo após daremos continuidade com a análise crítica de alguns elementos como preconceito, racismo, desigualdade, assédio moral e entre outras abordagens apresentadas nos capítulos selecionados de *Os Santos*.

O método utilizado para o desenvolvimento do presente trabalho consistiu em uma seleção de quatro capítulos da série de quadrinhos do cartunista Leandro Assis e roteirizado por Triscila Oliveira, a escolha da série se deu pelo conteúdo que é abordado pelos autores, o que guiou minha linha de pesquisa. A seleção de cada capítulo foi pensada de modo a se encaixar pertinentemente aos textos teóricos selecionados para complementação do corpus, desse modo a construção foi acompanhada de leitura e

análise de textos acerca dos temas abordados nos quadrinhos criando assim, uma “linha tênue” entre o objeto de análise e a teoria. Para tanto, serão abordadas as concepções de luta de classes e o movimento feminista até chegar, por fim, na análise da HQ. Utilizaram-se vários autores relacionados aos temas citados, os meios utilizados foram a pesquisa bibliográfica tradicional com a utilização de textos referenciais, e a pesquisa digital com o uso de artigos de internet e de sites que elucidavam principalmente o aspecto histórico envolvidos na análise. Ao decorrer do texto foram feitos comentários e apontamentos pessoais com o objetivo de enfatizar a ideia proposta.

2. OS QUADRINHOS E A SOCIEDADE

Desde a antiguidade a humanidade se utiliza de diversas formas de expressões artísticas, desde pinturas rupestres – utilizadas pelas primeiras civilizações humanas, comumente encontradas em cavernas e pedras – até desenhos mais sofisticados feitos em telas, quadros, até esculturas etc. A expressão artística faz parte da necessidade humana de querer demonstrar o fantástico, o desconhecido, a realidade e até mesmo o irracional. Das diversas formas de arte existentes queremos destacar no presente trabalho as histórias em quadrinhos na atualidade.

Segundo Souza (2011, apud MENDONÇA, 2005, p.199-200), “a HQ é caracterizada como um gênero icônico ou icônico verbal narrativo²cuja progressão temporal se organiza quadro por quadro”, apresentando como elementos típicos: quadros, balões, e/ou legendas onde são inseridos os textos verbais. As histórias em quadrinhos são consideradas, de modo geral, visualmente atrativas e de fácil leitura, chamando atenção de crianças, jovens e até adultos. Desse modo, a partir do que entendemos sobre a definição de leitura segundo os PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais)

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, portador³, do sistema de escrita etc. (BRASIL, 1997, p41).

²O gênero icônico é representado pelo visual, enquanto que o gênero icônico verbal narrativo é representado pelo visual verbal. Nas HQ's um pode predominar mais que o outro por isso recebem essa definição. (CAMPOS FILHO, 2009)

³Ainda em PCN (1997 p.41) o termo portador é utilizado para se referir a livros, revistas, jornais e outros objetos que usualmente portam textos, isto é, os suportes em que os textos foram impressos originalmente.

Nos quadrinhos a leitura vai além do que está no escrito, ganhando novas interpretações e expressões através da ilustração. Podemos enfatizar aqui, pertinentemente o ditado popular que diz: “é preciso desenhar para que você entenda”. Dessa forma, vários artistas enxergam nas HQ’s a “ponte” para mostrar a realidade sobre alguns assuntos polêmicos, mas invisíveis – para a maioria ou pra quem simplesmente ignora – na sociedade.

Para PIVA & MARTINS (2020, p.35), “muitos consideram os quadrinhos uma leitura de baixa qualidade, por entenderem que é fácil ler quadrinhos”. Contudo, como todas as formas de linguagem, há aquelas que exigem conhecimento de mundo, o que reforça as afirmações dos PCN’s sobre um “leitor competente”, que se constitui mediante uma prática constante de leitura de textos, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente (BRASIL, 1997 p.41).

Desse modo, a leitura das HQ’s apresenta sua complexidade ao exigir do leitor interpretação do contexto que ela (história em quadrinhos) quer representar, analisando-o de um ponto de vista crítico. Também é importante que o leitor saiba diferenciar as personagens juntamente com suas características, peculiaridades e o que as torna únicas, conhecer a função que as onomatopeias exercem dentro de sua estrutura etc. Assume-se assim, tratar de estruturas complexas capazes de abordar assuntos complexos.

Mas como foi a inserção desse gênero na vida cotidiana das pessoas? A maioria dos indivíduos leitores conheceu ou conhece essa modalidade textual através de grandes nomes da cultura pop que historicamente ganharam os corações do público. Quem nunca ouviu falar do Superman, Batman, Capitão América, Homem de ferro, Hulk? Dessa forma, antes de considerarmos o gênero HQ como um objeto de conscientização e estudo da sociedade, vale salientar que nem sempre exerceram esse papel. Para Lagoon & Chisté (2016, p.37)

Os quadrinhos surgiram como produto da indústria cultural, com o objetivo de entreter os leitores e serem consumidos em massa. Entretanto, apesar de serem produto dessa indústria, foram além desse objetivo ao apresentar temas que levavam a reflexão crítica da sociedade, subvertendo assim, sua origem (LAGOON ; CHISTÊ 2016, p.37).

O gênero textual história em quadrinhos há muito deixou de ser apenas um recurso curricular para o estudo de gramática e língua para se tornar um veículo comunicativo da sociedade, trazendo suas indignações, críticas e resistência a sistemas opressores que perduram até os dias atuais. A facilidade com que esse gênero se propagou pelo mundo é

resultado de um avanço significativo, também, das novas tecnologias comunicativas e expressões artísticas. A partir de dado momento esse gênero “quebra” suas limitações impressas e começa a ser difundido por outros meios de divulgação, alcançando um número maior do público leitor.

2.1 AS DUAS ERAS: ERA DE OURO E PRATA

Para se entender melhor a influência que o gênero HQ representa, primeiro precisamos analisar como se deu sua formação histórica e sua inserção na sociedade, voltando o olhar, primeiramente, para o que Campos Filho (2009) chama de “*A era de ouro e prata dos quadrinhos*”. A era de ouro foi bastante marcada por contradições e confusa para muitos autores, segundo Campos Filho (2009, p.10):

Apesar dos conflitos inerentes para se definir com clareza um período dentro do mundo dos quadrinhos, dificuldade devida aos múltiplos títulos e autores, há um consenso quanto ao início dessa era específica. A primeira edição em que o Superman aparece. Todas as obras seguintes, no mesmo estilo, constituíram um novo gênero. Este conjunto é denominado Era de Ouro dos quadrinhos de super-heróis.

Dessa forma temos a criação de uma gama de personagens inspirados no fantástico e com base nos avanços científicos da época. Já a era de prata é marcada com o surgimento de outras editoras de quadrinhos inspiradas no sucesso da DC e Marvel e que sentiram a necessidade de ter suas próprias criações como forma de rivalizar com as grandes empresas pela popularidade mundial que as HQ’s alcançavam durante a época.

O autor traz uma breve análise da construção *das HQ’s* no meio social enquanto uma nova forma de mídia, levando-se em conta que, até então, esse gênero se encontrava anexado em jornais e revistas.

Os quadrinhos obtiveram seu primeiro pico de vendas utilizando-se da forma como se conhece hoje, de forma separada dos jornais onde eles tiveram seu início, afirmava-se assim o estabelecimento de um novo meio de comunicação (CAMPOS FILHO 2009, p.10).

As populares revistinhas ou gibis ganhavam um novo corpo de divulgação dissociado do jornal, transformando-se em uma nova fonte de leitura. De modo que os gibis eram comumente encontrados nas mesmas bancas que vendiam os jornais. Com a explosão da 2ª guerra mundial, as vendas chegavam a milhões de cópias por ano, tudo isso se devia ao fator “*fantástico*” que as HQ’s apresentavam em suas páginas. Os heróis muitas vezes representados, levando em conta o patriotismo, a justiça, e a defesa da nação americana, faziam com que as pessoas que não estavam nos campos da guerra imaginassem que seu país estava sendo salvo por eles - Mais tarde o quadrinhos “Capitão América” surgiria para reforçar essa ideia - . Segundo Guilherme Smees (2009 apud CAMPOS FILHO, 2009, p.10), “a guerra agia como um fator catalisador sobre as vendas de quadrinhos. Os leitores viam nas revistas da época seus grandes super-heróis lutando contra os inimigos da América”.

Após o término do conflito armado e a derrota de Hitler, houve um declínio na produção, venda, e popularidade das HQ's. As pessoas não se interessavam mais por histórias fantásticas. "Não foi nem Superman nem o Capitão América que acertará um gancho de direita na face de Hitler, mas seres humanos normais" (CAMPOS FILHO 2009, p.9). A partir daí houve a adaptação aos novos modos de fazer quadrinhos, o que culminaria no surgimento da *Era de prata* das HQ.

A era de prata vai se caracterizar, dessa forma, com o surgimento de personagens mais humanos, que possuem vidas cotidianas comuns, e enfrentam problemas reais presentes na sociedade. A partir dessa perspectiva, podemos situar que em certos momentos da criação dos personagens, os autores lançam mão de características e representatividades reais e mais próximas do próprio público que está lendo as obras. Desse modo, há uma identificação com os personagens das HQ's.

2.2 AS RELAÇÕES IMBRICADAS NAS HQ'S E SUAS IMPLICAÇÕES

As HQ's são mecanismos sócio-comunicativos a partir dos quais se encontra uma interação entre autor/leitor, em que podemos observar mensagens produzidas com o intuito de transmitir e sensibilizar sobre determinado tema ou ponto de vista. Para Bronckart (1999), essa perspectiva interacionista estará mais entrelaçada com o conceito de interacionismo social analisando "as condutas humanas como ações significantes, ou como 'ações situadas', cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes demais nada, um produto da socialização", (p.13)⁴. Observemos a figura 1 logo abaixo e entenderemos como a interação entre duas personagens distintas pode gerar a transmissão de uma mensagem acompanhada de um teor cômico.

⁴ O autor entende ainda que "a linguagem materializa tanto os aspectos psíquicos quanto os sociais e a enxerga como uma forma de ação, 'ação de linguagem', semiotizada em um contexto psico-sócio-histórico-ideológico por 'agentes verbais' em interação entre si e com o meio, o que constrói a consciência individual e, ao mesmo tempo, social". Para maior entendimento ler: BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo**. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999. 353p.

Figura - Tirinha: Prática de Esportes



Fonte: *Nanquim.com.br* Acesso em: 17 de mar. 2023

No quadrinho acima vemos um médico dialogando com seu paciente a respeito de sua saúde, é mostrado ele usando um aparelho que mede a pressão. Ele pergunta se o rapaz pratica algum exercício, e logo o rapaz responde com “corrida, doutor, diariamente”. No quadro seguinte há uma “quebra” na expectativa do leitor ao mostrar que a “corrida” que o personagem faz diariamente não é aquela corrida esportiva e sim, uma perseguição pelo ônibus público. Na perspectiva interacionista, percebemos aqui duas mensagens direcionadas aos leitores, a primeira é a importância da prática de exercícios regularmente, o que explica a surpresa do doutor ao examinar o jovem. A segunda mensagem está no fato de que seus exercícios são provenientes do corre-corre da cidade grande, onde é preciso, literalmente, perseguir o ônibus para a escola, para o trabalho etc.

As histórias em quadrinhos são compostas basicamente, como o próprio nome diz, em quadros que combinam a arte (linguagem não verbal) e o texto (diálogo/linguagem verbal). “Os quadros são sequenciados pelo autor seguindo um roteiro previamente elaborado que gera um fluxo narrativo que dá continuidade nas falas transcritas nos balões de diálogo” (DIONISIO, 2002 p.196). Desse modo, o leitor consegue ter noção de linearidade entre as falas das personagens e sobre o que está sendo retratado no momento.

Candido (2006, p.29) afirma, numa análise mais superficial do uso da arte como instrumento social, que esta ferramenta geralmente é baseada na “ordem moral ou política resumindo-se em afirmar ou deixar implícito que deve ter este tipo de conteúdo, e que esta é a medida de seu valor”. Para tanto, entender a construção desse gênero e especialmente a construção da literatura como ferramenta de crítica social também

compete aos limites do presente trabalho, para que assim reforce nossa análise e a percepção da crítica inserida dentro dos quadrinhos.

Entendermos o conceito e a estrutura que rege uma história em quadrinhos é fundamental para compreender como esse gênero textual ganhou espaço nos meios comunicativos, interligando, de algum modo, autor e leitores. O autor, como aquele que produz a mensagem embasado em seus conhecimentos de mundo, utiliza a HQ como o veículo comunicativo que carregará a mensagem, até chegar ao leitor, que por sua vez irá recebê-la. Se analisarmos essa perspectiva, relacionando com a teoria interacionista de Marcuschi (2010), chegaremos à seguinte definição.

A perspectiva interacionista preocupa-se com os processos de produção de sentido tomando-os sempre como situadas em contextos sócio-historicamente marcados por atividades de negociação ou por processos inferências (...) preocupa-se com a análise dos gêneros textuais e seu uso em sociedade (MARCUSCHI, 2010, p.34)

A arte e a literatura encontram no meio social engajamento para suas obras, Nardy (2022 p.44) cita que a arte surge, portanto, “do processo de produção de um mundo humano – a cultura – em contraposição ao mundo natural, que não é criado, mas existe pelas casualidades inerentes às transformações”. Assim como os livros costumam trazer em suas páginas histórias com base em fatos reais, com as HQ's não é diferente, em alguns casos o autor faz uso dela para trazer à tona sua própria visão de mundo, transmitindo-a, por sua vez, para seus leitores.

“Este caráter não deve escurecer o fato da arte ser, eminentemente, comunicação expressiva, expressão de realidades profundamente radicais no artista, mais do que transmissão de noções e conceitos” (CANDIDO, 2006 p. 30) além de querer mostrar o óbvio, os artistas buscam através de suas criações mostrar sua própria opinião, seu próprio ponto de vista e até mesmo sua perspectiva de como lidar com os fatos apresentados. É mostrar o problema e explicar uma possível resposta, ainda que esta, por sua vez, esteja longe de ser alcançada considerando diversos outros aspectos que implicam sobre ela.

Com o intuito de entendermos melhor o processo da criação das HQ's como forma de retratar a realidade a partir de uma perspectiva crítica/analítica de contextos e questões cotidianas (política, trabalho, desigualdade social etc), considerando nosso material de análise, consideramos importante entender um pouco o que é “luta de classes”.

3. A LUTA E A CONSCIÊNCIA DE CLASSES COMO TEMA A SER DESENHADO

Vale deixar claro que o nosso objetivo aqui não é se aprofundar no tema, devido a disponibilidade de tempo e a complexidade do conteúdo, tão abrangente e que merece análises particulares de certos eixos em seus escritos, análises essas que podem vir a ser feitas em possíveis trabalhos. Nosso objetivo ao abordar essa vertente é fazer uso de pontos estratégicos sobre o que foi a luta de classes, a fim de reforçar nosso embasamento teórico/analítico que será discorrido durante a escrita.

Assim sendo, temos como principais nomes a serem destacados ao que se refere a ascensão da luta de classes, Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895) que juntos fundaram o socialismo científico ou marxismo. Suas primeiras análises sobre o comportamento da sociedade e sua divisão claramente destacada entre capitalistas (classe burguesa) e operários (classe proletária ou proletariado)⁵ foi evidenciada no “Manifesto Comunista” (1º edição alemã de 1890 prefaciada e anotada por F. Engels). Destacam aqui a história da humanidade como sendo palco de constantes lutas de classe

Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre de corporação⁶ e companheiros, em resumo, opressores e oprimidos em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade, ou pela destruição das duas classes em conflito (MARX, 1848, p.40)

Brandão (2017) reforça essa ideia pontuando que “no discutir das condições socioeconômicas se dá o confronto das classes oprimidas em relação àquelas que detêm o controle das forças produtivas capitalistas”. O conceito de “classe social” surgiu em Marx e Engels como “centro de sua análise das sociedades modernas” (BADARÓ, 2007. p.35).

Com o crescente aumento da indústria e do capitalismo, percebeu-se, em contrapartida, o crescimento significativo na mão-de-obra operária responsável (em sua grande maioria) por manter as “engrenagens” da sociedade a todo vapor, como também

⁵ “Por burguesia entende-se a classe dos capitalistas modernos proprietários dos meios de produção social que empregam o trabalho assalariado. Enquanto proletariado e a classe dos assalariados modernos que, não tendo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver” (Nota de F. Engels à edição inglesa de 1888.)

⁶ “O mestre de corporação é um membro da guiada, o patrão interno, e não seu dirigente” (Nota de F. ENGELS à edição inglesa de 1888).

o enriquecimento unilateral de uma única classe, a burguesia, esta por sua vez, controladora do capital.

Para Marx e Engels, segundo Badaró (2007, p.35)

O proletariado a partir desse momento constituiu-se em uma nova força política, que acreditavam ter papel fundamental na luta pela emancipação. Relacionando as classes ao processo de divisão social do trabalho, Marx e Engels procuravam esclarecer os fundamentos da estrutura social do capitalismo.

O proletariado agrega a porcentagem da população que mantém as engrenagens da economia de uma nação em movimento, ao mesmo passo em que a classe burguesa retém grande parte do lucro da produção. Há quem diga que são eles que mantêm o proletário na posição que possui atualmente, a de subalternizado e dependente desse sistema. A falta de consciência de classe, por sua vez, tende a gerar discursos tendenciosos e contraditórios advindos da própria classe trabalhadora, discursos que afirmam ser “o patrão que gera emprego” ou “sem os empresários não há onde trabalhar”.

A partir da conscientização e a busca por melhorias e qualidade de vida, “a classe como fenômeno social só se constitui em oposição a interesses de outras classes” (BADARÓ, 2007 p. 36). Nesse sentido, Marx e Engels salientam a importância de se pensar sobre o capital como um bem “comum entre os indivíduos de uma sociedade, e não um bem particular. O capital não é, portanto, um poder pessoal, é um poder social” (MARX e ENGELS, 1848, p. 53).

É pensando no “capital” que se pode estabelecer uma das vertentes por trás dos conflitos entre classes. Historicamente era a classe da burguesia que tinha acesso às melhores escolas, hospitais, áreas de lazer e produtos de qualidade para o consumo. Em contraparte, o proletário podia até possuir esses recursos, porém com serviços precários e muitas vezes sucateados, e que só lhe eram concedidos depois de vender sua força de trabalho em troca. Segundo Bensaid (1999, p. 156-157) “era a força de trabalho como mercadoria de compra e venda”.

Foi através dessas injustiças e no convívio social que a classe operária estabeleceu conflitos, ainda nos dias atuais, para ter melhores condições de vida, igualdade e direitos. A criação de sindicatos e a inserção de reformas trabalhistas nas políticas públicas foram um grande passo na busca pela igualdade, ainda que com relutância e confronto com aqueles que até então mantinham confortáveis em seus “postos de poder”.

A classe proletária avança em sua unidade e organização, arrebatando, ainda sob regime capitalista, melhores salários, condições de trabalho mais favoráveis e direitos políticos, como o sufrágio⁷ ou a liberdade de organização sindical e partidária (PEREIRA, 2003, p. 4-5)

O proletariado em sua busca por igualdade social precisou desenvolver um senso crítico não apenas para exigir direitos, mas também os cumprir e combater a visão distorcida da situação que lhes é inculcada. Nesse sentido é atentar-se para terceirização, trabalho sem carteira assinada e sem remuneração para horas extras, que nada mais é que uma estratégia capitalista elaborada pra driblar direitos trabalhistas previstos em lei.

Filgueiras e Cavalcante (2020, p.15) atentam seus olhares para essa nova distribuição do trabalho ocorrido nos últimos anos, principalmente no período em que a pandemia do vírus Covid-19 estava em seu ponto crítico.

Existem pelo menos três diferentes abordagens que unem esse campo. A mais radical afirma que o trabalho por conta própria está aumentando e que tende a substituir o assalariamento, a segunda abordagem afirma que estão surgindo novas formas de trabalho que não se enquadram nem no trabalho assalariado nem no trabalho por conta própria, constituindo o que é chamado de “zona cinzenta” ou “terceira via”. A terceira é apresentada por Guy Standing (2011; 2014; 2016) por meio de seu conceito de “precariado”, uma nova classe social que estaria crescendo enquanto os assalariados e proletariado encolheriam em todo o mundo (FILGUEIRAS; CAVALCANTE 2020, p.15-16).

É pertinente considerar que tais mudanças advêm, também, do avanço das novas tecnologias as quais agregaram novas formas de convivência social, a exemplo podemos citar os motoristas de aplicativos e entregadores, uma modalidade que vem crescendo no mercado nos últimos anos.

Contudo, entende-se que essa nova modalidade, surgida como manobra capitalista para “driblar” os direitos trabalhistas, acabe por prejudicar ainda mais as minorias, dependentes do salário. Essa modalidade de trabalho, especificamente as que envolvem aplicativos, não asseguram o funcionário sobre seus direitos do agora, e também do futuro – aqui nos referimos ao direito à aposentadoria, por exemplo.

O precariado⁸ é inerentemente instável, seus membros estão sempre dispostos para um trabalho incerto, não tem controle sobre seu tempo e dependem exclusivamente do salário para sobreviver (porque não tem

⁷ Ainda em Pereira (2003, p. 4-5) sufrágio aqui, se estabelece como o direito de seleção através de uma votação; eleições diretas ou voto”.

⁸Para maior entendimento do conceito ler STANDING, Guy. The precariat: The New dangerous class. BlomsburyAcademy, 2001.

direitos trabalhistas) (STANDING. Guy, 2011; 2014; 2016 apud FILGUEIRAS. V; CAVALCANTE. S. 2020).

Também nos compete pontuar onde se encontram as mulheres nesse novo mercado trabalhista, destacando os novos impasses que elas precisam enfrentar para manter seus direitos garantidos diante de uma sociedade que ainda mantém a desigualdade presente em diversos setores públicos e privados.

4. MULHERES EM FOCO: DA REALIDADE PARA OS QUADRINHOS

Nas últimas décadas de história no Brasil, o tema “mulher” vem ganhando forças, com o movimento feminista e a luta por direitos igualitários no trabalho. Piva & Martins (2020, p.250) entendem que “os processos culturais e artísticos podem contribuir para deslocalizar olhares normatizados sobre as pessoas e suas formas de participação no mundo”. Assim sendo, direcionar um olhar para a complexidade desses movimentos em prol da mulher se faz necessário para entendermos a escolha da personagem nos quadrinhos de Leandro Assis, que tem uma mulher como centro de sua história.

Havendo a tendência de serem tratadas como seres inferiores em relação a seu sexo oposto, a mulher vem enfrentando diariamente desafios e injustiças na busca por igualdade, liberdade e principalmente respeito. Buscaremos entender o percurso histórico da classe proletária feminina e suas lutas, que reforçam a ideia apresentada pelos autores.

Durante o período colonial as mulheres brasileiras viveram em condições adversas, vítimas de estereótipos de gênero. As negras (com exceção das alforriadas⁹) eram escravas e, portanto, não tinham nenhum direito. E as demais mesmo gozando da liberdade e de direitos abstratos, viviam em isolamento relativo e tinham severas restrições quanto ao acesso à escola e ao trabalho extra doméstico (GARCIA 2015, p.2)

O papel feminino era simplificado à servidão matrimonial, o único dever que possuíam eram o total comprometimento com o lar, até durante o período escravocrata as mulheres escravizadas eram destinadas aos afazeres domésticos enquanto cabia aos homens o trabalho nas lavouras. Vale salientar que o trabalho de servidão doméstica era

⁹Alforriadas ou alforriados seriam os escravos libertos das fazendas e dos senhores, contudo ainda sujeitos a eles. No século 19, entre 1830 e 1888 os escravos compravam o direito à liberdade com o próprio trabalho, como mal possuíam dinheiro se submetiam a empréstimos intermináveis tendo sempre sua força braçal como pagamento. Era um círculo interminável de escravidão.

quase que uma obrigatoriedade da mulher de classe mais pobre, era – e é – difícil ver uma mulher de porte mais refinado se prostrar diante de uma pia de louça, ou viver inserida dentro da cozinha, descrição essa que será observada nos quadrinhos de Leandro durante o decorrer de nossa análise. Observaremos a convivência de duas mulheres no mesmo ambiente, destacando a figura da mulher negra, que é constantemente subjugada e inferiorizada pela outra, representada pela mulher branca.

Ainda que sob uma rígida vigilância lhes era permitido que frequentassem centros religiosos, para Brum (2012, p. 33), “a religião possuía (e ainda possui) importante papel na manutenção das desigualdades”. Nessa perspectiva temos a doutrina religiosa como umas das principais opressoras (psicológica) das mulheres, propagando a cultura de que estas precisam ser submissas às vontades e desejos de seus maridos. Dias (2004, p.32) enfatiza a passagem bíblica de que a mulher foi “criada a partir da costela do homem.”¹⁰

Ainda que os textos bíblicos evidenciem a criação de ambos como seres únicos e dependentes uns do outros, a sociedade considera apenas um desses indivíduos como sendo superior, entendendo “o homem como centro da criação e do discurso, onde tudo ocorre ao seu redor ou em função deste” (BRUM, 2012, p. 33). Foi para ir contra essa argumentação e perspectiva opressora que o feminino despertou uma consciência crítica sobre seu gênero e sobre seus corpos.

Para Carlin (2006, p. 38-39), “a construção social da terminologia “gênero” é ligada diretamente ao movimento feminista de 1970, delimitando de sexo sem se restringir à visão biológica”. É a partir desse momento histórico da sociedade moderna que as mulheres quebram os estereótipos de uma visão limitada sobre si, e afirmam seu papel na sociedade.

“Ainda que pequeno em termos de visibilidade social, o movimento feminista brasileiro contribuiu de maneira fundamental para a reversão das desigualdades de gênero no país” (GARCIA, 2015 p. 2). Mas veremos, através dos quadrinhos de Leandro, como as mulheres vem alcançando espaço na sociedade, ainda que de modo recatado e sob muita discussão e preconceito, notaremos também alguns aspectos que o autor pontua sobre a personagem principal, aspectos esses que influenciam no leitor uma visão abrangente sobre os diversos impasses que a mulher sofre diariamente.

¹⁰Boff (1997, p.9) vai analisar o trecho bíblico de Gênesis a partir da concepção hebraica-hagadá que diz que “originalmente o ser humano era simultaneamente masculino e feminino, e ao mesmo tempo varão e mulher. No mesmo e único corpo tinha o rosto e o aparelho genital masculino na parte da frente e feminino na parte de trás, por consequência do pecado foram separados em dois seres distintos”.

Considerando os vários aspectos sociais que podem ser abordados dentro das HQ's de Leandro e Triscila, iremos analisar no decorrer deste trabalho uma seleção de páginas retiradas da obra “Os Santos: Uma tira de ódio (humor)”. Os títulos das seções adiante são os títulos dados às narrativas selecionadas da série *Os Santos*, a escolha por utilizá-los dessa maneira se deu para manter o destaque construído pelos próprios autores e pensar, inclusive, aspectos que ficam nas entrelinhas das figuras.

5. “OS SANTOS: UMA TIRA DE HUMOR ÓDIO”

Antes de nos aprofundar nos quadrinhos “Os Santos” é de suma importância trazer aqui quem é o “cérebro” por trás das alfinetadas à sociedade brasileira. Leandro Assis é um roteirista e quadrinista brasileiro. Graduou-se em Comunicação Social pela PUC-Rio e estudou storytelling na New York Film Academy. Entre seus trabalhos como roteirista, destacam-se as séries televisivas *A Mulher Invisível* (TV Globo) e *Magnífica 70* (HBO). A partir de dezembro de 2019, Leandro começou a publicar no Instagram a webcomic *Os Bolsominions*, referência ao termo pejorativo usado para os seguidores do então presidente Jair Bolsonaro, com as polêmicas geradas por causa do título diretamente ligado aos eleitores de Jair, optou por reformular a colocação, contudo, deixando uma certa ironia nas entrelinhas. O desenhista já publicava algumas charges e tiras críticas ao governo de Jair Bolsonaro, então resolveu criar a HQ para falar diretamente sobre seus eleitores, focando na classe média alta do Rio de Janeiro e abordando temas como desigualdade social, homofobia e racismo, entre outros. Durante algumas publicações conheceu Triscila Oliveira, escritora e ativista contra a desigualdade racial e o racismo no Brasil, que sempre deixava comentários construtivos em cada capítulo da série, destacando o capítulo “Manteiga” que será analisado a seguir. Após isso, Triscila se tornou co-roteirista da webcomic, que foi renomeada para “Os Santos” e passou a dar foco à vida de duas famílias: uma de brancos ricos da Zona Sul do Rio de Janeiro e outra de suas empregadas domésticas, mulheres negras da periferia.

Portanto, nossas seções de análise estarão divididas em quatro tópicos que, por sua vez, correspondem a quatro capítulos da série. A escolha por tais capítulos se deu de modo a utilizar os tópicos teóricos tratados até aqui – luta de classes e feminismo – como um modo construtivo crítico-analítico para a HQ.

O episódio intitulado “Absurdo” foi publicado na própria página do autor no Instagram no dia 16 de dezembro de 2019, a ordem de leitura é sempre da esquerda para direita, de cima pra baixo. Iremos assim, fazer uma análise por partes da página em questão, dividindo assim em duas subseções de análise. Iniciamos então a primeira seção de leitura.

5.1.1 Seção 1 – “Absurdo”: quadrinhos 1 a 4.

Nas figuras 1 e 2 vemos a patroa (Liége) loira e branca, um estereótipo clássico de branquitude¹¹ usado pelos autores para definir sua posição social no contexto, que no caso é a burguesia. Ela está conversando com sua amiga- que segue o mesmo padrão definitivo que ela – a respeito de um bolo, que estão a degustar na sala de jantar. Em seguida é mostrada Didi (quadrinho 3) que era a antiga empregada da casa. Nota-se então uma distância social, apesar de residirem no mesmo espaço, entre a patroa e suas visitas e a empregada mostrada em reclusão dentro da cozinha, apesar de não trabalhar mais na casa.

Para Coan (2020 p. 18) “a representação da mulher negra reservada exclusivamente a esse cômodo da casa destrincha a continuidade do projeto colonial com a subalternização de pessoas negras no Brasil, fazendo também um paralelo com os tipos de trabalho que são levadas a desempenhar, principalmente braçal”. Numa perspectiva mais abrangente acerca do quadrinho 3 e deixando de lado o aspecto da cor (mas sem desconsiderar a importância de situá-lo) observamos como o indivíduo mulher, mesmo fora de suas casas, desempenha o papel de “senhora do lar”, sendo responsável -nesse contexto – por passar, cozinhar, limpar, cuidar das crianças etc.

O último quadrinho dessa seção (quadrinho 4) mostra que fim teve a empregada Didi e o motivo de não estar mais trabalhando na casa de Liége. Segundo a patroa, a empregada se queixava de varizes e que “não estava aguentando ficar tanto tempo em pé”, decidiu assim, se aposentar aos 65 anos. Em resposta a Liége, sua amiga comenta: “Gente! Não aguento pobre chique!”.

¹¹Branquitude conforme explica Silva (2017 apud COAN, 2020 p.15) “é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica o não branco a partir de seu ponto de vista. Implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento do outro, tais vantagens são fruto de uma distribuição desigual de poder (político, econômico e social) (...) apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador quando lhe é conveniente”.

Percebe-se através dessa fala que na perspectiva branca¹² as varizes é uma doença exclusiva para essa classe, quase como uma “vantagem simbólica” (SILVA 2017, p. 25) e que é um absurdo que um pobre a possua e que se aposente em razão delas. O diálogo entre a patroa e sua amiga representado por Leandro mostra uma falta de sensibilidade para com a empregada enquanto ser humano, que está sujeito a doenças, dores, cansaço, fadiga etc. Ora entende-se então que a Didi só era boa quando “fazia uma carne assada de comer de joelhos” (Quadrinho 3), ou seja, quando prestava seus serviços.

Tal falta de sensibilidade também é observado nas crianças presentes nas residências. Brites (2001 apud COAN, 2020 p. 20) salienta que “as crianças dos patrões já percebem que são socialmente diferentes das empregadas, ainda que possam estabelecer certa ambiguidade afetiva”¹³. Por conviver em casa com comportamento excludente e, de certa forma, marginalizando o outro, acabam por reproduzir discursos preconceituosos através dos adultos reforçando o assédio moral. “*Costume de casa vai à praça*”¹⁴. Na sequência de nossas análises avaliamos então o restante dos quadrinhos que compõem este capítulo.

5.1.2 Seção 2 – “Absurdo”: quadrinhos 5 a 9.

Dando continuidade à leitura e análise do capítulo “Absurdo!” adentramos agora na seção 2, ainda dialogando com sua amiga Liége conta como “não ficou na mão” logo após Didi dar entrada em sua aposentadoria. Nos quadrinhos 5, 6 e 7 a patroa relata o destino de cada uma das filhas da ex-empregada e que todas, exceto uma, foram trabalhar em sua casa.

Vários autores vêm há muito tempo destacando a não valorização do trabalho doméstico por sua interação entre classe, gênero e raça, processos que estruturam desigualdades sociais objetivas e discriminatórias. É tido como trabalho de mulher – menos de 1% dos trabalhadores domésticos são homens, era e é trabalho pra pobre, e era a ocupação dos negros na casa grande. Conjugando, portanto, tal ocupação os efeitos de uma cultura patriarcal, de racismo estrutural, faltam de oportunidades e conjugação de um sistema de divisão de classes sociais (CASTRO, 2020, p.138)

¹²“A visão branca sobre si em relação aos não brancos” (SILVA, 2017).

¹³“Essa ideologia da empregada como membro da família empregadora é uma estratégia antiga dos patrões, encontrada em vários países latino-americanos para manter isoladas, adversas a sindicalização e sujeitas a maior exploração” (CASTRO, 2020, p. 138)

¹⁴ Dito popular que significa que a educação deve ser mantida até mesmo fora de casa. No contexto acima, enfatizamos também que as coisas ruins aprendidas em casa podem ser levadas para fora dela.

Quando se há oportunidade há uma quebra no ciclo da exploração estrutural do trabalho doméstico, o que é destacado no quadrinho 7 quando a Liége fala sobre a filha que se foi trabalhar em caixa de banco: “*Mas essa se acha boa demais para ser doméstica*”.

Há um certo teor de ironia e repúdio da patroa em saber que não conseguiu fazer com que *TODAS* as filhas se tornassem suas servas. A conversa da patroa deixa evidente como essa modalidade é destinada para as mulheres ao percebemos nas representações desenhadas por Leandro que as filhas desempenham papéis de cozinheira, passadeira e babá das crianças. Assim cria-se um ciclo predestinado sobre a doméstica, que rege o pressuposto de que se a mãe foi empregada, as filhas estão fadadas a seguir o mesmo destino, mesmo sendo evidente a existência de homens na modalidade, há um foco maior na figura feminina, contudo o masculino não se ausenta e desempenha seu papel¹⁵.

No quadrinho 8 entra em cena o “homem da casa” o senhor Camilo, ele inicia o seu diálogo com o “pé direito” – ou seria *o pé da direita?* – falando: “*Como esse povo se reproduz!*”. “Historicamente as mulheres negras eram vistas como objeto de satisfação sexual de seus senhores” (MOURA. A; LOPES, 2020 p. 276) muitas vezes engravidavam de seus patrões e tinham que manter segredo, ou sumir com a criança que por sua vez, era tida como um filho bastardo. Ainda segundo MOURA & LOPES (2020, p. 277), “as negras eram vistas como imorais e nem o papel de mãe lhes era permitido”.

Logo após ele complementa sua frase preconceituosa destacando seu posicionamento político: “*Devia ter aproveitado que o Lula tirou eles da pobreza e comprado uma televisão*”, o que logo em seguida no quadrinho 9 gera gargalhadas por parte de suas companheiras de mesa. O posicionamento político de Camilo é destacado no próprio comentário, mostrando ser apoiador do candidato de oposição que, na época da produção de “Os Santos”, era o então presidente da república Jair Bolsonaro, representante da direita conservadora brasileira. Esse embate político entre direita e esquerda se intensificou nos últimos 4 anos desde a vitória do candidato do PL (Partido Liberal), o que gerou uma divisão ainda mais significativa entre as classes burguesa e proletária – que por sua vez é representada por Luís Inácio Lula da Silva do PT (Partido dos Trabalhadores).

¹⁵ Os homens desempenham serviços destinados, em sua maioria, a parte externa da casa principalmente como jardineiro ou motorista.

A fala do personagem faz alusão a Lula, que é tido como “pai dos pobres”, devido a sua constante luta por causas sociais e igualitárias que coloca os pobres em pauta nas principais propostas políticas para aquisição de direitos básicos como saúde e educação de qualidade, trabalho, moradia e dignidade.

Inserida de forma bem recatada a figura masculina nessa primeira parte de nossa análise não tem muito destaque, sua aparição se resume a apenas um quadrinho de diálogo (quadrinho 8). O que Leandro Assis e Triscila nos trazem é uma personagem mulher como pivô do preconceito em relação a outra mulher. Saffioti (apud MOURA. A; LOPES, 2020, p. 278) salienta que “na sociedade também existem homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens”.

Encerramos nossa primeira análise apresentando alguns dos vários temas abordados pelos autores, destacando a presença forte do preconceito racial, desigualdade e política. Apresentamos também os três personagens principais que nos acompanharam durante todo o discorrer deste trabalho, os patrões Liège e Camilo, e a empregada – que ainda não teve seu lugar de fala – Edilza.

A seguir um cachorrinho de nome forte pode fazer com que uma mulher refinada exerça alguma ação, contudo não pode evitar que esta exponha seu preconceito enquanto ignora a existência de problemas maiores do que uma limpeza não feita, e as dificuldades presentes na vida de uma mulher silenciada pela mordaza da desigualdade.

5.2 “Thor”

Um nome bem comum usado para cachorrinhos de estimação e que possui grande afinidade com figuras poderosas, pertencentes a realeza e claro, a classe alta das histórias fictícias. O cachorrinho nesse episódio demonstra o quanto as pequenas coisas podem fazer a diferença. Thor não falou, não latiu, e nem fez algo além de sua aparição minuciosa no quadrinho, contudo foi capaz de tirar sua dona do conforto e do requinte da superioridade e fazê-la “sujar” as próprias mãos. Não bastando ser forçada a limpar a sujeirinha do cãozinho, a patroa resolve destilar sua indignação contra Edilza.

“Os Santos” – Thor



Fonte: https://instagram.com/leandro_assis_ilustra

Acesso em: 19 de abril de 2023.

5.2.1 Seção 1 – “Thor”: quadrinhos 1 a 3

Dando continuidade a nossa análise, partiremos para a segunda página de nossa seleção, intitulada “Thor”, foi publicada dia 6 de janeiro de 2020 na sua plataforma de costume, Instagram. É noite e Edilza se encontra deitada no que parece ser um quartinho para guardar os produtos de limpeza da casa, ou dispensa (quadrinhos 1 a 3), ela está com

seu celular em mãos e conversa com suas irmãs a respeito dos ocorridos do dia na comunidade onde residem.

A moça se encontra espremida nesse espaço, o que retrata a persistência enraizada de um (mal) costume que é cultivado ainda nos dias atuais.

Fruto de transformações ao longo dos séculos, o ambiente é pensado como espaço secundário a ser evitado e de rápida ou nenhuma permanência aos membros da família, servindo para a estadia de empregadas em períodos semanais, mensais ou até mesmo como moradia fixa (CASSIA, 2020, p. 12).

O conceito do quartinho continua mesmo depois da abolição da escravidão onde os escravos eram destinados a lugares a parte da casa, não lhes permitindo contato com os demais membros da família a não ser que fossem chamados para servir, um culto as relações de poder e dominação que é demonstrado nos traços do autor. Conhecendo nossa patroa (Liege) até aqui, sendo está a personificação da elite, é de se imaginar a exclusão da empregada dos demais cômodos da casa no horário de descanso como uma forma de preservar a boa imagem da família culta. Edilza está com seu celular em mãos e conversa com suas irmãs a respeito dos ocorridos do dia na comunidade onde residem.

As irmãs relatam os momentos de apreensão durante uma ação da polícia dentro da comunidade durante a hora do “rush” com crianças saindo das escolas, pessoas voltando do trabalho, e lojas abertas. “É comum acreditar que as situações em que se encontram os afrodescendentes nas camadas mais pobres se deve muito mais a pobreza e a um passado escravista do que à existência de preconceito e discriminação” (MUCEDULA, 2007 p. 48). Logo após a abolição da escravidão muitos negros, agora longe das casas dos senhores, ficaram à própria sorte. O apoio do estado era mínimo e muitos não possuíam condições financeiras para comprar algum terreno próximo aos grandes centros. Desse modo houve uma grande concentração da massa pobre nos arredores das grandes cidades, o que deu origem as primeiras favelas e comunidades.

Leandro deixa explícito na face da personagem seu sentimento de tristeza ao ler as mensagens no celular, e saber que não pode estar junto de sua família naquele momento. Coan (2020, p.19) aborda a nova estrutura escravista moderna ao dizer que “o quartinho da empregada é a nova senzala”, o que marca as quadrinhos de 1 a 3 como uma prisão onde a personagem enfrenta um encarceramento físico e psicológico.

5.2.2 Seção 2 – “Thor”: quadrinhos 4 a 9

Na sequência dos quadrinhos Edilza recebe a visita de sua patroa no quartinho, ela aparece dizendo que precisava pegar um álcool ali pois seu cãozinho (Thor) vomitou no tapete, pediu também que a moça não se incomodasse pois ela mesma faria a limpeza, assim sendo a moça (Edilza) continuou deitada. Entretanto ao chegar na sala e se encontrar com seu marido, senhor Camilo, a patroa demonstra outra face para com a atitude da empregada, dizendo: “*nunca que a Didi deixaria eu limpar o chão*”, e que se fosse preciso ela “*teria pulado da cama na mesma hora*”.

A patroa é um retrato da direita conservadora, e sua revolta, claramente expressa na quadrinho 8 não é em razão de ter se sujeitado a limpar com as próprias mãos a sujeira de seu bichinho, mas é saber que não conseguiu impor na moça (Edilza) sua opressão, e fazer com que ela saísse de seu horário de descanso para limpar o chão. Segundo RIBEIRO (2017;2018; 2019; 2020 apud PIVA & MARTINS 2020, p. 269), “a lógica por trás dessa e de todas as implicações opressivas, ofensivas, e subalternizantes que o trabalho doméstico representa descende de um ciclo histórico escravista”.

É fato que a parcela social que possui o capital econômico e o poder aquisitivo em suas mãos não aceitou de bom grado que a outra parcela mais pobre é desfavorecida economicamente obtivesse direitos que os isentassem das explorações dos patrões, o que impõe a eles (patrões) pagar horas extras fora do horário de trabalho, ceder férias e o devido descanso ao funcionário.

Ela dizer que “*A Didi jamais deixaria eu limpar o chão*” diz muito sobre a sujeição em que a Didi estaria para abrir mão de seu descanso – visto que já não era horário de serviço – e servir a moça. Também existe o fato de que foi a patroa que pediu para a moça não se incomodar em levantar, pois ela mesma limparia (quadrinho 6), criando uma aversão sobre a imagem da empregada no quadrinho 8 ao dizer: “*A Edilza ficou lá, deitado na cama, como se não fosse com ela!*”. Desse modo podemos considerar a realidade de que ainda existe um esforço da sociedade burguesa moderna em retroceder o período onde os trabalhadores – pra não dizer escravos – faziam até 12 horas diárias de trabalho, e não lhes era permitido descanso, o que fica mais evidente com as falas do último quadro (quadrinho 9) num diálogo entre Camilo e Liège: “*Não existe mais*

empregada como antigamente” e “Elas se acham boas demais pro trabalho. São umas frescas”.

A desconfiança sobre o negro é algo comum na sociedade brasileira, muitas vezes por esses indivíduos serem mostrados, e relacionados – principalmente pelas mídias, novelas, noticiários, filmes etc. – ao crime. Liège demonstra mais uma vez a “face” de uma classe que faz questão de pontuar sua opinião e desconfiança sobre o outro, acreditando sempre estar com a razão dos acontecimentos ao seu redor e, mesmo Edilza convivendo com ela há anos, a patroa demonstra com suas atitudes um comportamento clássico de um preconceito real de nossa sociedade.

5.3 “Face”

O título demonstra como o não conhecimento da vida do outro implica na opinião e no julgamento. Apenas considerando o tom de pele dos indivíduos, muitos criaram todo um contexto ficcional em suas mentes para humilhar e rebaixar alguém, mostrando ser uma outra pessoa na ausência daquela que está sendo julgada.

“Os Santos” – Face



Fonte: https://instagram.com/leandro_assis_ilustra

Acesso em: 19 de abril de 2023

Iremos agora analisar uma página por completo, pois achamos pertinente fazer uso da sequência apresentada pelos autores no desenvolvimento da história que, consequentemente, tem seu desfecho no quadrinho 9. O título do capítulo é “Face” e foi publicado na página do autor no dia 23 de dezembro de 2019.

Encontramos a patroa, como de costume, sentada no sofá e mexendo em seu celular. Ela está vendo fotos de diversas pessoas, membros da família da sua ex-empregada Didi, à medida que vai passando as fotos ela também vai tecendo comentários preconceituosos e mesquinhos sobre cada um. O título faz jus ao que representa a “face”

da classe branca brasileira, mostrando o pré-julgamento, intolerância, repulsa e ódio acerca de indivíduos que não se enquadram no parâmetro estabelecido pela “branquitude” (SILVA, 2017). A madame continua sua seção de disparates até chegar na foto de uma pessoa que, segundo as análises anteriores, é o seu “karma”, a irmã que trabalha no banco, a única que não seguiu o destino imutável de uma filha de empregada doméstica, diz ela: *“Essa irmã da Edilza é um nojo, só porque trabalha em banco!”*.

Para Prates & Lopes (2020, p. 279), “a manutenção dos preconceitos interessa àqueles que pagam salários irrisórios a negros e mulheres, submetendo-os a condições precárias de trabalho e negando-lhes direito a carteira assinada”. Percebemos isso não só com os negros e mulheres, como também o direcionamento desse preconceito aos nordestinos, o que foi fortemente mostrado nos últimos quatro anos, com a eleição para presidente da república houve um forte embate entre eleitores da direita conservadora e do partido dos trabalhadores, um período em que a xenofobia foi mais presente em nossa sociedade atual, dividindo o país entre Regiões Norte e Nordeste X Regiões Sul e Sudeste.

“Não é por acaso que tais preconceitos são nutridos e alimentados cotidianamente pelos meios de comunicação de massa” (PRATES & LOPES 2020, p. 279). Novelas, filmes nacionais, revistas, notícias e documentários ainda hoje dão enfoque apenas a pobreza e desigualdade existente em certas regiões nordestinas, o que gera para mídia uma imagem pré-estabelecida sobre os indivíduos dessa região. Seguindo o raciocínio das mídias, temos como exemplo as novelas televisivas que mostram a figura nordestina ou negra sempre se submetendo a situações de subalternização, executando trabalhos braçais e pouco rentáveis, fora a apelação em dizer: *“saí da minha terra pra fugir da seca e procurar trabalho”*. Outro destaque sobre os personagens nordestinos nas novelas é sempre ser um indivíduo cômico, de fala rebuscada, pouco estudado e com conhecimento de mundo e que está ali para alívio cômico da trama sulista. Todo esse conjunto de fatores criou para a parte sul do país uma visão estagnada que define a região nordeste como pobre, subdesenvolvida e envolta em miséria.

Dando continuidade à nossa análise, entra em cena o personagem secundário da família nobre, senhor Camilo. Ele pergunta a Liège se ela e Edilza são amigas de Facebook, a mulher responde: *“vou dar esse tipo de confiança”* (quadrinho 7). A fala da patroa contradiz o fato de ela empregar a moça e toda sua família há anos, não só em sua casa como na casa de seus filhos, em outras palavras a falta de confiança e respeito entre as partes.

Os autores mostram, então, o motivo de Liège “fuçar” as fotos da família Edilza, é na tentativa de encontrar um colar que ela perdeu, mas prefere acreditar que foi furtado pela moça e que provavelmente estaria sendo usado por alguém. Para Osório (2021, p. 16) “a desigualdade racial pode ser abordada sob perspectivas distintas a partir da renda”. Nas mídias sociais, por exemplo, quase nunca se mostra um negro bem sucedido e com poder aquisitivo acima do padrão branco de riqueza, o que se mostra é uma figura marginalizada e fortemente ligada ao crime. Ainda que sob muita luta e desacordos, a criação de políticas públicas e cotas raciais dão oportunidades a esses indivíduos tidos como marginalizados na busca de uma vida melhor, dignidade e respeito. Acesso a escolas, universidades e serviços públicos são algumas das pautas abordadas pelo Estado.

A busca pela dignidade é um fator crucial que move o pensamento de indivíduos advindos das classes menos favorecidas, e que rege o ditado popular que todos já devem ter ouvido de suas mães quando dizem: “*estude para ter um futuro*”. A educação continua e é a maior ferramenta de formação para o mundo, a qual dispõe toda e qualquer classe, sejam pobres ou nobres. Contudo, não devemos ignorar o fato de que mesmo estudar, num país como o Brasil, é uma tarefa difícil, e em alguns casos precisa ser mediado entre as próprias condições de sobrevivência na qual o cidadão está inserido, tendo até que escolher entre trabalhar para sobreviver, ou estudar.

A seguir nossa análise mostra através das imagens um “precipício” invisível que separa dois polos da sociedade, mas que são evidentes diariamente aos olhos daqueles que querem ver e entender.

5.4 “Manteiga”

Assim como o cãozinho Thor da seção 2 de nossa análise, aqui a “*manteiga*” desempenha papel fundamental no entendimento da falta de senso entre as classes apresentadas por Leandro e Triscila. Ela acaba se tornando o “único” motivo plausível – para a patroa - de uma série de acontecimentos que justifiquem o atraso e o “mal serviço” prestado por Edilza.

“Os Santos – Manteiga”



Fonte: https://instagram.com/leandro_assis_ilustra Acesso em: 19 de abril de 2023

5.4.1 Seção 1 “Manteiga”: quadrinhos 1 a 7

Chegamos a nossa última seção dos quadrinhos de Leandro e Triscila, são muitas as abordagens e temas que são apresentados no decorrer das páginas, mas acreditamos que o objetivo principal de “Os santos” é ser o “dedo na ferida” na classe conservadora brasileira. Desse modo, nesse capítulo Leandro vai nos mostrar outra realidade dos brasileiros, sejam negros, pardos, brancos, etc, que é a ida ao trabalho. A montagem dos quadros faz um paralelo entre as duas personagens, evidenciando a rotina de cada uma nas primeiras horas do dia até se encontrarem no apartamento.

Das 6h:15min até as 7h:45min da manhã, Edilza enfrenta filas, apertos, cansaço, estresse e exaustão até chegar à casa da patroa que, durante toda essa batalha da moça, está dormindo. Goldstein (2003 apud COAN, 2020, p. 22) vai tratar essa questão como “*o aspecto da dominação*”, o ser dominante que não precisa passar pelas condições em que o dominado se encontra até chegar no local de serviço, o que justifica muitos casos em que o funcionário já chega cansado e sem condições psicológicas razoáveis para trabalhar.

Não sendo suficiente o trajeto que a moça precisa enfrentar, ela ainda tem que suportar as ocasiões onde o assédio moral e sexual se impõe sobre seu corpo feminino (quadrinhos 4 e 5). No quadrinho 6 a hierarquização social é observada quando a moça sai do elevador com seu celular e fala: “*manda o contrato pra eu assinar*”. CARNEIRO. (2003, apud PIVA; MARTINS, 2020, p. 270) esclarece que:

São suficientemente conhecidas as condições históricas nas Américas que construíram a relação de classificação dos negros em geral, e das mulheres negras em especial [...] Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberais e dondoca, ou de mulatas tipo exportação. Quando falamos de romper com o mito da rainha do lar, da musa idolatrada dos poetas, de que mulher estamos falando? As negras fazem parte de um continente que não está classificado como rainha de nada, são taxadas de “antimusas” da sociedade.

Ou seja, as próprias mulheres impõem uma barreira de classificação entre si, que separa aquelas tidas como musas e ideais das que são tidas como sujas e não aceitas. A elite feminina buscou, nos últimos quatro anos de um governo elitistas e conservador, direitos e privilégios voltados a apenas essa parcela rica da população definida, deixando as demais a mercê do descaso. No quadrinho 9 a dondoca da nossa história, agora acordada, demonstra essa falta de empatia feminina/feminina e o não conhecimento da vida da outra que convive em seu ciclo familiar dia após dia, ao reclamar da manteiga estar “*dura feito pedra*” e que toda segunda é isso. Não satisfeita com sua reclamação, incumbida de cinismo, ela dá uma “solução” para o problema: “*...é só chegar 10 minutos mais cedo*”. O silêncio – ensurdecador - de Edilza e a invisibilidade¹⁶ de sua realidade representa a ignorância existente naqueles que se recusam a enxergar o mundo fora de sua bolha de comodismo.

¹⁶Giron; Radünz (2012) vai trazer detalhadamente o conceito de invisibilidade na sociedade em **Invisíveis: Negros na memória dos brancos**”.

A partir do que foi visto até aqui, é notória a presença da desigualdade e do preconceito, mesmo que estes sejam fortemente negados por aqueles que os praticam, o que gera essa falsa normalidade e liberdade de expressão. Notamos principalmente nos capítulos “Absurdo”, “Face” e “Manteiga” a nítida insensibilidade por parte das personagens que retratam a classe conservadora e o silêncio da classe pobre. Tal silêncio evidencia a realidade da maioria social que não possui voz nem poder político/social suficiente para atentar sobre as indiferenças presentes na sociedade. A seleção de capítulos de nossa análise traz, em consenso com a luta de classes, o abismo gerado pelo acúmulo de status apenas de um lado da “moeda”. Posteriormente, temos a mulher enquanto personagem e figura principal da trama, a mulher branca enquanto patroa e detentora do requinte social e a mulher negra, silenciada por duas mordanças destacadas por Leandro e Triscila, a desvalorização – enquanto trabalhadora – e a inferiorização – enquanto mulher.

6. CONTINUA NO PRÓXIMO CAPÍTULO...

“Os Santos” é uma obra brasileira que aborda diversas questões sociais que podem ser destacadas dentro dos parâmetros acadêmicos, desde sexualidade, relações interraciais afetivas, relações com território das próprias trabalhadoras domésticas, violência, etc. Contudo, esse texto não pretende dar conta da complexidade de informações visuais e discursos que Leandro e Triscila produzem, dediquei minhas análises e pesquisas a um ponto específico de toda obra, que é justamente a mulher, especialmente a trabalhadora doméstica, busquei enfatizar como se constroem/reconstroem os estereótipos das trabalhadoras domésticas negras, pobres, de baixa renda e escolaridade nos quadrinhos e como expõem as relações de trabalho que enfrentam dentro das casas e apartamentos.

Durante a produção busquei destacar um pouco o percurso histórico do gênero HQ's antes de se tornar uma importante ferramenta para abordar tais assuntos da sociedade, destaca-se de início a grande inserção no mundo, durante sua Era de Ouro, com quadrinhos fantásticos e com objetivo de apenas entreter o público. Em seguida, sentiu-se a necessidade de criar personagens mais humanos e com problemas reais e cotidianos, entra então a Era de Prata das HQ's. Desde então se passou a observar como os autores lidaram com questões sociais das mais abrangentes e trouxemos para nossa análise a classe social que mais se destaca por enfrentar problemas: a classe trabalhadora.

Buscamos entender o que se configura como luta de classes e, em seguida, como isto reverbera na luta feminina. Tal questão foi o ponto chave que ligou a teoria à seleção de quadrinhos que realizamos. Expondo a branquitude e suas contradições nos discursos sobre si e sobre o outro, observamos no decorrer da análise dos quadrinhos as atitudes de pessoas de requinte social e pontuamos a ideia de que é preciso repensar as estruturas de poder que estão apoiando, como também suas próprias atitudes. Segundo Moore (2007), “o racismo torna-nos insensíveis ao outro, ao seu sofrimento, e a sua marginalização”:

O racismo retira a sensibilidade dos seres humanos para perceber o sofrimento alheio, conduzindo-o inevitavelmente para sua trivialização e banalização. Essa barreira de insensibilidade, de incompreensão ontológica do outro, encontrou, na América Latina, a sua mais elaborada formulação no mito-ideologia da “democracia racial” (MOORE, 2007 p. 23).

A utilização dos quadrinhos para abordar todas as temáticas expostas até aqui é a clara personificação do ditado popular que diz: “*Você entendeu ou tenho que desenhar?*” “Como amante e apreciador desse gênero textual, sempre tirei alguns ensinamentos de vida de suas páginas, a criticidade e o poder de conscientização que podem exercer sobre o leitor é algo indispensável e que tem que ser considerado enquanto possibilidade de ensino dentro dos conteúdos escolares, pois se considera a escola como principal formador da consciência e construção social do indivíduo, enquanto ser pensante de nossa sociedade. Atentar para tais questões sociais usando o quadrinho como ferramenta de estudo pode cativar a atenção de nossas crianças e adolescentes, e fugir da padronização de estudar o texto apenas para se retirar os verbos, por exemplo. Acredito, assim, que o presente trabalho valorizou a pertinência de se aderir à utilização deste gênero textual como um recurso extremamente válido e fomentador de reflexões atuais pertinentes.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretária de educação fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p.

BADARÓ.M. Mattos. **Classes sociais e luta de classes: A atualidade de um debate conceitual.** *Revista: Em Pauta*, n° 20, p. 33-55. 2007

BENSAID. Daniel. **Marx o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica (século XIX e XX).** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999. In: BADARÓ.M. Mattos. **Classes sociais e luta de classes: A atualidade de um debate conceitual.** *Revista: Em Pauta*, n° 20, p. 33-55. 2007

BRITES, Jurema. **Afeto, Desigualdade e Rebeldia: bastidores do serviço doméstico.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2001. In COAN. Samanta. **As trabalhadoras domésticas e a exposição das desigualdades sociais no Brasil pelos quadrinhos.** Web Revista Linguagem, educação e memória. ISSN: 2237-8332 – V.19, N.19 – 2020, pág. 9-27.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos.** Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha, São Paulo, Educ, 1999. 353p.

BRUM. Rosangela F. S. **O sufrágio feminino no Brasil: Uma análise a partir das constituições brasileiras.** 2012, p. 9-84. (Bacharelado em Direito) Universidade do Sul de Santa Catarina. 2012

CAMPOS FILHO, Celso de Souza. **Os Quadrinhos como forma de propaganda ideológica.** Publicidade e propaganda. Brasília/DF jul. 2009

CANDIDO. Antônio. **Literatura e sociedade.** Ouro sobre azul. Rio de Janeiro. 2006.

CASSIA. Júlia. **O quarto da empregada como herança de uma sociedade escravocrata.** In Revista Brado. Disponível em: <https://medium.com/revista-brado/ra%C3%A7a-o-quarto-de-empregada-como-heran%C3%A7a-de-uma-sociedade-escravocrata-a609e5fa677> Acesso em: 28 de abr. 2023.

CASTRO. Many Garcia. **Trabalhadoras domésticas no Brasil: sujeitos ou sujeitas na classe, gênero e na raça?.** *Revista Princípios* n°159, São Paulo, p.126-150. Jul. – ago. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero>>. Apud: PIVA. C. V. e Martins. A. F. **Arte e resistência em tempos de pandemia: A série de quadrinhos “Confinada” de Leandro Assis e Triscila Oliveira.** R. Interessante. Interdisc. Art & Sensorium, Curitiba, v.7, n.2, p. 250-276 jul. Dez-2020.

COAN. Samanta. **As trabalhadoras domésticas e a exposição das desigualdades sociais no Brasil pelos quadrinhos.** Web Revista Linguagem, educação e memória. ISSN: 2237-8332 – V.19, N.19 – 2020, pág. 9-27.

DIONISIO.A. P. **Gêneros Textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

FILGUEIRAS. V; CAVALCANTE. S. **O trabalho no século XXI e o novo adeus a classe trabalhadora.** Trabalho e proletariado no século XXI, São Paulo: Rev. Princípios n°159, 2020. 380p.

GARCIA. Cristina C. **Breve histórico do movimento feminista no Brasil.** Ago. 2015

GOLDSTEIN. Donna. **The Aesthetic of Domination: class, culture, and the lives of domestic workers.** In: *Laughter out of place: Race, Class, and sexuality in a Rio. Shantytown, Berkeley.* University of California Press. 2003. Pp. 149-195.

MARCUSCHI. Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização/** Luís Antônio Marcuschi – 10ª ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MARX. Karl; ENGELS. Friederich. **Manifesto comunista.** Tradução: Álvaro ., ed. São Paulo: Boitempo.1848, 239p

MENDONÇA. M. R de S. **Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos.** In: DIONISIO. A. P.; MACHADO. A. R.; BEZERRA. M. A. (org.) **Gêneros textuais e ensino.** 4 ed. Rio de Janeiro: Lucema, 2005.

MOURA. Angela M. C. P; LOPES. Denise A. **O enlace entre gênero, etnia e classe social.** GÊNERO v.20, Niterói, p.275-299. 1 set. 2020

MOORE. Carlos. **Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo.** Belo Horizonte: Mazza, 2007, p.23. In: SANTOS. Nádía Farias dos. **Entre saberes e fazeres docentes: o ensino das relações etno-raciais no cotidiano escolar/** Nádía Farias dos Santos. -1. Ed. – Curitiba: Appris, 2018. 157p.

MUCEDULA. Márcio Aguiar. **A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade.** *Caderno de Pesquisa do CDHIS – n°36/37 – ano 20 –p. 83-88,* 2007.

NARDY. João Pedro. **Ensino de literatura e pedagogia histórico-crítica: em busca do confronto com a prática na escola pública/** João Pedro Nardy. -, 2022, 151p.

OSÓRIO. Rafael C. **A desigualdade racial presente no Brasil nas três últimas décadas.** In:____Texto para Discussão/ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990 – 2021.

PASSOS. L. A e VIEIRA.M. S. P. **A contribuição do gênero história em quadrinhos para o desenvolvimento da leitura.** Brasília 1977. Disponível em: <<http://usuários.edu.br>> Acesso em: 15 de jul. 2022.

PEREIRA, Duarte. **Das classes a Luta de classes**. 2003. In: *ARMANDO BOITO JR. e CAIO NAVARRO DE TOLEDO. Marxismo e Ciências Humanas, São Paulo, Xamã, 2003, pp. 227-238.*

PIVA, C. V. e MARTINS, A. F. **Arte e resistência em tempos de pandemia: A série de quadrinhos “Confinada” de Leandro Assis e Triscila Oliveira**. R. Interessante. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.7, n.2, p. 250-276 jul. Dez-2020.

RIBEIRO, Djamila. **Caso do menino Miguel Otávio é a síntese das relações desse país**. Folha de S. Paulo, 09.07.2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/07/caso-domenino-miguel-otavio-e-a-sintese-das-relacoes-desse-pais.shtml>>. In: PIVA, C. V. e Martins, A. F. **Arte e resistência em tempos de pandemia: A série de quadrinhos “Confinada” de Leandro Assis e Triscila Oliveira**. R. Interessante. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.7, n.2, p. 250-276 jul. Dez-2020.

SMEES, Guilherme [Home page] 2009. Disponível em: <http://www.fanboy.com.br> Acesso em: 17 de jul. 2022. Apud CAMPOS FILHO, Celso de Souza. **Os Quadrinhos como forma de propaganda ideológica**. Publicidade e propaganda. Brasília/DF jul. 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** Editora Brasiliense, 1983. In: Schröninger, Carla L. K. et al. **Os recursos semióticos e a multimodalidade no ensino da Língua Inglesa: Práticas de leitura é produção textual**. *Ver. Papéis*, vol. 20, n°39, p.194-219. 2006

SILVA, Priscila Elisabete. da. **O conceito de branquitude: reflexões para um campo de estudo**. In: MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. Curitiba: Appris, 2017. Apud COAN, Samanta. **As trabalhadoras domésticas e a exposição das desigualdades sociais no Brasil pelos quadrinhos**. Web Revista Linguagem, educação e memória. ISSN: 2237-8332 – V.19, N.19 – 2020, pág. 9-27.

SOUZA, Erida L. **Trabalhando com o gênero textual história em quadrinhos no ensino de línguas estrangeiras**. V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão – SE/Brasil, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10472/12/31.pdf> Acesso em: 02/07/2023.

STANDING, Guy. **The precariat: The New dangerous class**. BlomsburyAcademy, 2001.

8. TANSCRIÇÕES DOS QUADRINHOS

8.1 “Absurdo”

Quadrinho 1: Esse formigueiro está divino! / Edilza é craque na cozinha, aprendeu tudo com a mãe dela.

Quadrinho 2: Você lembra da Didi, que trabalhava aqui em casa? / Claro que lembro!

Quadrinho 3: Ela fazia uma carne assada de comer de joelhos... Que fim levou a Didi?

Quadrinho 4: Aposentou. 65 anos! Pode?! Tinha problemas de varizes e disse que não estava aguentando ficar tanto tempo em pé. / Gente! Não aguento pobre chique!

Quadrinho 5: Mas não ficamos na mão. Colocamos as filhas dela pra trabalhar. Edilsa é a nossa cozinheira.

Quadrinho 6: Edilva é passadeira aqui e nos meus filhos. Tem também Edilma que cozinha na minha filha.

Quadrinho 7: Edinéia é a babá dos gêmeos do meu filho. E tem a Ediviges. Mas essa se acha boa demais para ser doméstica. É caixa de banco.

Quadrinho 8: Como esse povo se reproduz! Podiam ter aproveitado que o Lula tirou eles da pobreza pra comprar uma televisão!

Quadrinho 9: Que Absurdo!

8.2 “Thor”

Quadrinho 1: Meninas tudo bem aí? / Agora tá mas foi tenso, pressão da mamãe subiu e tudo. Mas tá normal agora. / Eu vi na TV. Pqp muito tiro!

Quadrinho 2: Muito absurdo! Os cara chega atirando não quer saber. Era saída da escola, trabalhador voltando pra casa! / Pô. E eu não sei?! O pega Pá capá acontecendo e cadê o Diego? Nada de chegar em casa! / Nossa que aflição. Mas tá tudo bem?

Quadrinho 3: Tá ele chegou pouco depois / Tinha ido da escola pra casa de um amigo / Chegou assustado. Mas tá tudo bem! / Ufa que bom. / Edilsa da graças a Deus não ter filho! tá pesado colocar criança nesse mundo!

Quadrinho 4: Licencinha. Edilsa. Tá dormindo não, né? Preciso só pegar o álcool.

Quadrinho 5: O Thor vomitou no tapete do meu quarto. Tadinho. Fez um estrago.

Quadrinho 6: Mas não precisa se levantar, não. Deixa que eu mesma limpo.

Quadrinho 7: Meninas vou dormir! Amo vcs.

Quadrinho 8: Nunca que a Didi deixaria eu limpar o chão. Ela teria pulado da cama na mesma hora! A Edilsa ficou lá, deitada, como se não fosse com ela!

Quadrinho 9: Não existem mais empregadas como a Didi / Não mesmo! Elas se acham boa demais para o trabalho. São umas frescas.

8.3 “Face”

Quadrinho 1: Como a Didi tá gorda! Que pecado! Mas também, não se cuida...

Quadrinho 2: Posso com a Edilsa? Se achando com esse cabelo pixaim!

Quadrinho 3: E esse namorado dela? Não vou com a cara. Tem alguma coisa nele. Não sei dizer...

Quadrinho 4: Parece metido com coisa errada, sabe? Pinta de malandro!

Quadrinho 5: Agora, essa irmã de Edilsa é um nojo! Só por que trabalha em banco!

Quadrinho 6: Gente! Uma mais feinha que a outra.

Quadrinho 7: Você e a Edilsa são amigas de Facebook? / Imagina! Vou dar esse tipo de confiança?

Quadrinho 8: Então o que tá fuçando? / Sabe meu colar de lápis-lazülli que eu adoro?

Quadrinho 9: Então. Perdi. Tô vendo se acho.

8.4 “Manteiga”

Quadrinho 4: Quando tu vai sair comigo, morena? / Nunca. Dá o pão.

Quadrinho 5: Que tesão de preta.

Quadrinho 6: ...Manda o contrato pra eu assinar...

Quadrinho 9: Toda segunda é isso! A manteiga dura feito pedra! Tem que tirar da geladeira antes. É só você chegar 10 minutos mais cedo.